

REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA

* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *

EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**Redacção e administração — Calçada do Combro, 28-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

End. telegr. Yalhoia — Lisboa • Telefone: 2

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 124

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

POVO: DEFENDE-TE!

Resistamos todos aos sórdidos planos dos senhores!

Ante a tentativa dos detentores da habitação é mister que não só a classe operária, mas todos os indivíduos que não são ricos, isto é, todos os que sofrem as duras extorções dos senhores sem escrúpulos, formem uma forte barreira que seja capaz de impedir, num esforço comum, que aqueles levem por diante a sua intenção de fazer recair um novo aumento sobre a renda da habitação, em geral já alugada a preços excessivos.

O povo de Lisboa só provará o seu real interesse pelo presente movimento de protesto se acorrer às sessões de preparação do grande comício público, que a União dos Sindicatos Operários promove, e se a esse comício for manifestar, com a sua presença, a disposição de participar dum protesto maior contra os gananciosos senhores.

O Estado contra as suas leis

Ensina-se na escola a respeitar o Estado como se ensina no lar a respeitar os pais. Por toda a parte, pela imprensa, pelo livro e pelo discurso se prega o respeito ao Estado e a observância às suas leis. Ele é mostrado pelos seus aspectos, ao povo, como um Deus a quem é preciso amar e obedecer. Diz-se que o Estado só tem em mira os interesses dos que são trabalhadores pacíficos e honrados; que a sua razão de ser se baseia na justiça e na liberdade que aos governados assiste. Ele chamou a si o encargo de produzir leis, que todos, sem distinção, devem acatar a fim de evitar desordens perigosos entre os povos, entre as raças ou entre as castas. Para que a justiça seja perfeita e não haja lugar a protestos nem a mais exemplos, propõe-se ainda o Estado respeitar o fazer cumprir as suas próprias leis. Portanto, se uma lei abrange esse Estado, ele e os seus funcionários, auxiliares na sua quasi divina execução — tem por obrigação cumpri-la sem um protesto, sem um queixume que poderia gerar a desarmonia numa nação.

A pretensão das oito horas de trabalho máximo foi apreciada, julgada justa pelo Estado e transformada em lei. Depondo-se, portanto, que o Estado, especialmente na fabricação de leis e regulamentos, deveria ser o primeiro a respeitá-las e a fazê-las cumprir pelos seus funcionários e pela burguesia a quem sustenta. Eis o que aconteceu, embora a lógica assim mandasse.

E exactamente nos estabelecimentos, nas obras desse mesmo Estado que a lei não é acatada. E na Casa da Moeda que o novo decreto é deturpado de uma maneira aviltante; é ali que, havendo actualmente necessidade de maior produção, o Estado, em vez de recrutar mais pessoal para executar esse trabalho dentro do horário legal ou pagar as horas extraordinárias a dobrar, como manda a sua lei, é ali que o Estado procede, à guisa de qualquer industrial ganancioso, do seguinte modo: transforma as duas horas excepcionais em horas normais, pagando-as na proporção das oito horas legais, do que resulta um dia normal de dez horas.

E ainda na construção da linha do Vale do Sado, no troço de Alcaide do Sal, onde trabalham cerca de 600 operários, que o Estado mantém o dia de 10 horas e despede nove trabalhadores que tiveram o bom senso de lhe lembrar que há bem poucos dias pôs ele em vigor o novo regulamento, que lhes facultava a liberdade de trabalhar apenas oito horas, e que tem os governantes obrigados de acatar as leis que o Estado emanam.

E o que sucede na Casa da Moeda e na linha do Vale do Sado, repete-se nos hospitais e noutros estabelecimentos que ao Estado pertencem.

Um tal procedimento da parte daquele que não deve errar nunca, que não deve contradizer-se, que está moralmente comprometido a agir de conformidade com as suas próprias leis, deixar-nos ia boquiabertos se não nosbessemos, lá muito, que tudo o que dele

vem é mentira. Nós sabemos perfeitamente que o Estado não está, como se apregoa, baseado na justiça, nem foi criado para protecção dos trabalhadores, porque se assim fosse não seria composto por burgueses ou por indivíduos que só do capitalismo e para o capitalismo vivem. O Estado não defende os trabalhadores porque estes são seus assalariados, e o Estado, colocado na situação de patrão, só como tal pode proceder, isto é, contrariando as aspirações dos que produzem.

Portanto, a lei das oito horas, saída há pouco das suas mãos, é uma das suas muitas mentiras. Essa lei foi criada no intuito de, mais uma vez, ludibriar os trabalhadores, convencendo-os de que o simples facto de uma das suas mais caras aspirações vir impressa no Diário do Governo não é bastante para que eles entrassem imediatamente no gozo dessa regalia. Grande distância vai do papel impresso à acção, à realidade, e como a realidade é que nos serve, a nós, proletários, e ao Estado apenas convém o papel (outra morte se não lhe dermos vida) eis porque há conflitos entre o proletariado e o Estado-patrão, eis porque o Estado não respeita a sua própria lei.

Há, pois, dois campos absolutamente opostos e que, talvez por isso, se chocam constantemente, degenerando algumas vezes nas mais graves questões: o Estado aliado ao Capital, a quem as oito horas de trabalho podem de momento lesar, e o operariado, que as deseja há muitos anos e está disposto a lutar por elas até obtê-las na íntegra.

O Estado, como o Capital, só concederá as regalias que os trabalhadores lhe suborem conquistar. E' necessário, portanto, que estes não fraguejem, porque um minuto só de desfalecimento representa a perda do que custou muitos anos de labuta e de sacrifícios.

Em 1921

A excursão operária a Paris

A ideia nestas colunas lançada por três redactores da Batalha de se organizar entre os militantes operários desejos de conhecer Paris, a cidade das grandes tradições revolucionárias, uma excursão a essa capital, a efectuar no outono de 1921 parece, a calcular pelas numerosas adesões que temos recebido, ter sido acolhida com a maior satisfação.

Dissemos na primeira notícia sobre o assunto que, para facilidade dos que para essa excursão se desejavam inscrever, o pagamento da quantia necessária seria feito em prestações semanais. Hoje podemos acrescentar que essas prestações serão de 2500, pois é necessário que cada excursionista contribua com um mínimo de 200500.

Todas as comunicações referentes à excursão operária a Paris podem ser feitas na redacção da Batalha, das 21 às 24 horas.

Ferrovários demitidos

Com o chefe do governo conferenciou ontem uma comissão delegada do Sindicato Ferroviário, acerca da situação dos ferroviários demitidos e amanhã, pelas 14 horas, deve realizar-se uma conferência, entre os srs. Sá Cardoso, ministros das finanças e do comércio e dois directores da Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro, em que será tratado aquele assunto e outros que respeitam à mesma Companhia.

NA LIVRE AMÉRICA

Perseguições inquisitoriais

Dum preso camarada nosso, que há tempo reside na América do Norte, acabamos de receber a seguinte carta, muito elucidativa acerca da draconiana forma como no país da liberdade são tratados os elementos mais activos da organização sindicalista revolucionária:

Caros camaradas: — Há algum tempo que lhes escrevi uma carta, ignorando se a receberam, e há dias enviei-lhes livros tratando do julgamento, em Chicago, dos camaradas William D. Haywood, Red Doran e Eugene Debs, assim como diversos outros livros e algumas circulares.

O camarada Haywood está em liberdade, com mais vinte e cinco companheiros, sob fiança, até à próxima revisão do processo.

As classes dominantes, aqui, continuam a sua obra infame na perseguição daqueles que, sentindo o mal-estar social, propagam ideias novas. Aqui, na América, na "liberdade", América, que mandou os seus soldados levar à Europa a "liberdade e os direitos dos povos", fustigam-se, metralham-se os trabalhadores, (como tem feito a polícia e o militarismo na actual greve dos metalúrgicos), prendem-se e conservam-se nas prisões, durante anos, sem julgamento, centenas de trabalhadores e deportam-se outros e, para virem, ali vão alguns fragmentos:

Como "indesejáveis" foram deportados para a Itália: Angelo Faggi, editor do *Il Proletario*, órgão, na língua italiana, das I. W. W. (sindicalistas) e Luigi Galliani, activo militante anarquista. Dezanove companheiros de nacionalidade italiana, recentemente postos em liberdade, em Milwaukee, foram de novo presos em Chicago, para serem deportados.

Jacob Schwartz, foi assassinado no quartel da polícia, em Nova York; P. Martucio, deportado para a Itália, foi assassinado em viagem.

Por distribuir uma circular contra a intervenção armada na Rússia, foram sentenciados: J. Abrams, S. Lipman, H. Lachowsky, a 20 anos de prisão e mil dólares de multa. Pelo mesmo facto, uma jovem de vinte anos, Mollie Stiller, foi condenada a 15 anos de prisão e 500 dólares de multa.

John Meehan por ser sindicalista, e com 25 anos de residência neste país, foi deportado para a Inglaterra, sem roupa nem coisa alguma, depois de ter estado encarcerado cerca de dois anos.

Manuel Ferrer foi deportado para a Espanha, ficando-lhe a roupa na bastilha de Ellis Island, N. Y.; F. R. Lopez, levado ocultamente de Boston, em trem, através dos Estados Massachusetts, Rhode Island e Connecticut, até Nova York, para ser embarcado num vapor que partia para a Espanha. Angelo Vericchio, de Utica, N. Y. (desaparecido misteriosamente) foi embarcado secretamente para a Itália.

Condenados entre 10 e 20 anos, estão: Manuel Rey, A. V. Azuara, Felix Cedeno, Tomás Martinez, os irmãos Magon, Angelo Roncal, Manuel Sastre, José Grao, Eduardo Paredes, F. Gonzalez, Basilio Safores, Santa Maria e muitos outros (alguns destes já foram deportados).

Apesar destes camaradas, há centenas doutros apodrecendo nos cárceres deste país de tam apregoadas liberdades. As perseguições são duma ferocidade nunca igualada; obrigam-se, por meio de martírios inquisitoriais, os presos a fazerem delações.

Eis aqui uma amostra das infâmias cometidas nas pessoas de nossos companheiros de luta. E tudo isto porque? Por desejarmos uma sociedade de mais justiça e Equidade, onde haja pão, terra e liberdade para todos. Até quando durará este estado de coisas? Não sei. Mas o que é certo é que de todos os lados soam gritos de revolta, as chamadas a iluminar a noite do Capitalismo e, em breve, muito breve, vai raiar a aurora do novo dia que não está longe.

New Bedford, Mass., 4 de Outubro de 1919. — J. de S.

FRUTOS DA GUERRA

Minas que ainda flutuam

MADRID, 10. — A Direcção Geral da Navegação e Pesca Marítima comunica aos capitães dos portos ter sido vista uma mina flutuante à entrada do Funchal.

No dia 4, a mais de duas milhas a noroeste da barra de S. Vicente, foi vista uma outra mina flutuante. — Rádio.

Quem não trabalha não deve comer!

Fórmula trivial, mas feliz! Colho-a no *Temps* que a colheu na "Bochta".

Fórmula sindicalista outrora, hoje soviética. Contém toda a teoria do produtor, este das sociedades, proclamando o valor social deste e a nocividade do parasita de cima e de baixo. Bem sei que, para o *Temps* e para o "boche", que lançou a fórmula, trata-se mas é do operário, que não deve comer não querendo dar ao capitalista todo o vigor do seu espírito e do seu corpo. Para nós, porém, trata-se de todo aquele, homem ou mulher, que, sendo válido, não desempenha função social alguma. O seu número é grande, grandíssimo, tam grande que bastaria um esforço cotidiano de quatro a cinco horas para assegurar o funcionamento económico das sociedades, se todos os indivíduos válidos dessem à obra comum o seu quinhão de esforço.

Achamo-nos num momento da história do mundo em que esta fórmula está prestes a receber uma aplicação fragmentária primeiro, mas de generalização certa. Os sobressaltos que agitam e sublevam os proletários em toda a parte assentam — todos no estado confuso, por assim dizer embrionário — nesta necessidade social, humana: todo o ser válido deve produzir. Os povos não podem refazer-se da guerra se os proletários não derem a este levantamento o seu pleno e inteiro concurso. Nunca em nenhum momento da história se impôs com tamanha vigor o valor do trabalho humano. Nunca foram tam necessários os produtos saídos do trabalho. Saímos, com efeito, dum período sem precedentes, no qual foi engolido em obras de morte o produto inteiro do trabalho de várias gerações. E contradição normal, a essa destruição de tantas riquezas corresponde uma necessidade de gozo, de consumir insaciado. Daí, a imperiosa necessidade de lançar o mundo num infernal movimento de criação em contínuo desenvolvimento. E fatalidade inevitável, este infernal movimento repousa sobre o produtor, que ontem era chamado à destruição rápida, selvagem, e à morte, e que hoje é chamado à criação rápida, selvagem, de produtos destruídos, que urge renovar e aumentar.

Eis o problema proposto com toda a sua clareza! O mundo em perpétuo movimento, movimento que é a sua vida, a refazer e a intensificar depois, vê-se pela primeira vez colocado em face do seu agente de produção, cuja consciência se esclareceu durante a guerra e graças a ela.

Este agente de produção afirma-se aqui por instinto, além pela razão, rebelde a qualquer esforço de criação realizado nos quadros de ontem. Na Rússia, proclama que ninguém deve comer não trabalhando; em França, na Inglaterra, na América, alguns vêm na nacionalização a realização do princípio

V. GRIFFUELHES

A CEGUEIRA PERSEGUIDORA

Um novo cerco à Construção Civil

Tomando a nuvem por Juno e os dedos por hóspedes, aumentada a polícia a relapso dos seus intoleráveis fiascos

A sede das associações da construção civil, onde também está instalado o nosso jornal e a C. G. T., foi ontem novamente cercada. Por volta das vinte e uma horas tudo era polícia a obstruir a entrada do edifício. A razão deste aparato não na sabia ninguém. O que desde logo verificaram os camaradas que na sede dos sindicatos da construção civil se encontravam é que se não podia sair. Os guardas que encravavam a saída não deixavam. Perguntar-lhes porque seria inútil, que as explicações da polícia não dá gosto ouvir. O que se seguiu é que havia um cerco em forma, e durante largo tempo estiveram nós, todos os que a este velho prédio da calçada do Combro vimos trabalhar, de comunicações cortadas, positivamente bloqueados. Passante já das dez horas, terminou a caricata manobra, restabelecendo-se o trânsito. Por essa hora se decifrou o enigma, e então ficamos inteirados do mobil determi-

nista: trabalhar para a colectividade e em benefício dela. Ingenuidade no caso, é certo. Não importa! E' em todo caso a preocupação de mudar de rumo na produção. Que por toda a parte se mantêm essas convulsões sociais, que elas agravem o mal-estar económico, e ao cabo vem a abdicação da burguesia.

Ilusão? Não. Verdade amanhã. Quem o contesta, apressa-se a dar a solução realizada amanhã do problema do papel-moeda, do problema do carvão, do problema da produção de todos os produtos necessários aos homens. E isso não em afirmações e raciocínios, mas em factos. Onde está, nos últimos dez meses, o melhoramento prometido na ordem económica, financeira e fiscal? Quem o pode colocar sobre um tapete qualquer?

O tempo, dizem, remediará! Posso replicar: o tempo agravará! Porque o tempo aumenta o desgaste de todo o mecanismo social e não convém que o proletariado receba em herança engrandecida a força de uso. Assim sucederia, se não se preparasse para precipitar a abdicação burguesa. Porque, a despeito dos apelos, das comissões, das invocações ao trabalho intensivo, essa abdicação virá. Tudo converge para esse fim: o apetite maior do capitalismo, os seus deveres para consigo próprio, o desejo de gozo desenvolvido, a elevação inexorável do custo da vida, o intuito de classe em progresso. Que há que fazer para precipitar essa abdicação? Declarar o proletariado que a restauração económica e social está subordinada à aplicação desta fórmula vulgar: "quem não trabalha não tem direito a comer", que só os Soviéticos são capazes de realizar.

Quererá, saberá ele fazê-lo? E' esse o facto essencial do momento. Mas ainda que ele não queira ou não saiba elevar-se à altura da missão que lhe destina os acontecimentos, está-lhe vedado pela sua própria evolução, pelo seu próprio crescimento, pelo plano no qual ele actua e que lhe não é dado escolher, está-lhe vedado prestar-se a um levantamento do capitalismo.

Poderá "promulgar" qualquer concepção corporativa, profissional, que lhe apraza, o que não poderá e submeter todas as suas manifestações a um ritmo arbitrariamente escolhido, sob o império da ignorância ou do medo. A força das correntes impelidas pelas necessidades materiais e morais desarranjaram as combinações mais "sensatas" e as mais bem "estudadas". A força da acção directa vai pesar com redobrado vigor, arrastando as massas no verdadeiro sentido da sua actividade.

Se não é isso um bem ou um mal? O caso é que será — única coisa que importa.

V. GRIFFUELHES

nan'te da desastrosa manobra policial. Foi o caso que... A nota do nosso informador do governo civil descreve assim o caso:

Tendo ontem à noite constado no Governo Civil que na Confederação Geral do Trabalho estavam reunidos os Jovens Sindicalistas, saiu para ali o piquete da polícia do Governo Civil, sob os ordens do chefe Valente, que cercou o edifício do Correio Velho, à Calçada do Combro.

A polícia, entrando na sede daquela colectividade, em lugar de encontrar os Jovens Sindicalistas, encontrou um grupo de estudantes das escolas industriais que tinham pedido a cédula da sala, para ali reunir e tratar da melhor forma de reclamar a supressão de aulas aos sábados.

Momentos depois voltou tudo à normalidade.

O que se passou encontra-se resumido nesta notícia. Na fúria de perseguir os jovens sindicalistas, a polícia, libertando no nosso número de ontem a notícia de que se reuniram, na sede da C. G. T., os estudantes das escolas industriais, logo pensou tratar-se duma reunião de menores, que iam, ou tava dissolver pelos métodos, da educação operária, pois, como se sabe, a frequência principal das chamadas escolas industriais compõe-se de trabalhadores

PELA POLÍTICA

Não digo que não haja na Câmara alguns homens francos e desinteressados. Para contá-los com os dedos não terei necessidade de abrir as duas mãos. — Francis Coppée, *Le Journal*, Paris, Julho de 1905.

NO PALCO PARLAMENTAR

"A verdade nunca pode ser nociva"

O sr. Dias da Silva, quando, intencionalmente, a propósito da lei das 8 horas, de que se riem os senhores industriais com a complacência do sr. Sá Cardoso, falava na Câmara dos deputados, pronunciou, entre outras, esta frase: *O país está farto de sofrer a tutela democrática*.

Pois ontem, ao ser lida a acta da sessão anterior, sem que tal expressão constasse daquele documento, o sr. Dias da Silva, muito espontaneamente, declarou retirar aquela frase, dizendo que apenas quizera visar alguns filiados nesse partido que não procedem como democráticos.

O país está farto de sofrer a tutela democrática! Mas porque diabo retiraria o sr. Dias da Silva esta expressão tam verdadeira?

A verdade deve sempre ser dita porque nunca pode ser nociva. O deputado socialista parece, porém, não concordar, neste ponto, com Helvecio.

O conflito entre os industriais e trabalhadores de mar de Setúbal

O sr. Joaquim Brandão, deputado liberal, referiu-se ontem às perturbações de ordem pública que nos últimos dias se deram em Setúbal e que tiveram a sua origem num conflito que há bastante tempo se vem arrastando, entre os trabalhadores de mar que constituem as cooperativas de pesca daquela cidade, e os industriais de conservas. Trata-se duma questão melindrosa e de grave importância económica não só para aquela populosa cidade, como também para o país, pois que se encontram paralisadas, por falta de peixe, mais de cem fábricas de conservas existentes na referida cidade. Pede ao ministro da marinha, visto a questão de que se trata correr pela sua pasta, se digna intervir no assunto com toda a solicitude, no sentido de procurar conciliar as classes em litígio, evitando a continuação dos gravíssimos prejuízos que tal situação está causando.

O ministro da marinha, respondendo ao orador, explica as causas do conflito, as providências que tomou, as tentativas de conciliação que já exerceu, e que até agora foram improficuas, afirmando que procurará por todas as formas manter a liberdade de pesca, sem todavia deixar de tentar, com todo o empenho, encontrar uma fórmula conciliatória que ponha termo ao conflito.

Cumplicidades oficiais e oficiais na escassez do açúcar em Lisboa

O sr. Ladislau Batalha pediu a palavra para negócio urgente, a fim de — tratar de "cumplicidades oficiais" na carência do açúcar em Lisboa. Como o sr. ministro da agricultura não estava presente, acordou-se que o sr. Ladislau Batalha fizesse uso da palavra logo que ele chegasse.

O ministro da agricultura só bastante tarde compareceu na Câmara pelo que o deputado socialista não tratou do assunto. Tratá-lo há, hoje, se o sr. ministro da agricultura quizer. Conhecido o aturado estudo e cuidadosa investigação o que o sr. Ladislau Batalha proceda sempre quando trata de qualquer assunto, é com expectante curiosidade que se espera ouvir revelar as cumplicidades oficiais e officinas na escassez do açúcar em Lisboa.

que ali vão completar a instrução que não puderam adquirir na infância.

Estes círculos constantes às sedes operárias e que não podem continuar. A manobra policial, de ridicularizar sempre foi, tornou-se de uma impertinência insuportável, pois não é já tam pequena a relação dos aparatosos fiascos perpetrados pela polícia de há tempo a esta parte. A fantochada de ontem, sendo prejudicial para os sindicatos, e principalmente para a Batalha, que se viu bloqueada precisamente no momento em que informação mais altamente lhe chegava, dá uma ideia triste a mais não ser, das mesmas instituições que, com estas e que tais pantomimas, procuram prestigiar-se.

A liberdade de imprensa no conceito do sr. Dias da Silva

O deputado liberal sr. Eduardo de Sousa propoz que fossem arquivados todos os processos de imprensa promovidos pelo ministério público desde 5 de Dezembro de 1917 até 31 de Dezembro de 1918 e sobre eles se fizesse perpetuo silêncio, e o sr. Brito Camacho propoz que esta disposição fosse extensiva até à data da publicação do respectivo decreto.

Como o ministro da justiça não concordasse que se desse uma anistia a aqueles que ainda hoje fazem propaganda contra o regime a proposta do sr. Brito Camacho foi rejeitada e o projecto do sr. Eduardo de Sousa aprovado.

O sr. Dias da Silva declarou que aprovava a proposta do sr. Camacho mas que era preciso estabelecer diferença entre a imprensa monárquica e a imprensa operária, manifestando desejo de que apenas as querelas promovidas até agora à imprensa operária, fossem arquivadas.

Melhor notado pelos princípios, o sr. Costa Júnior disse que, na Câmara dava à imprensa uma anistia pela sua larga tolerância pelos delitos de liberdade de imprensa ou dava-a por favor a determinados jornais. No primeiro caso, ela devia ser o mais ampla possível; no segundo caso representava um favor, e ele não estava ali para fazer favores.

Foi uma lição de princípios em cheio ao seu correligionário Dias da Silva que, quer como socialista, quer como jornalista, director de um jornal, assumiu uma atitude e defendeu um critério muito pouco para louvar. Antes pelo contrário.

Convém dizer que o grupo popular, embaixo do Partido Republicano Radical, votou também contra a proposta do sr. Brito Camacho.

Boas esperanças, não há dúvida.

Ruidoso incidente — Um parlão obscuro em pleno santuário das leis — Um escândalo colossal!

A discussão do projecto relativo à melhoria de situação dos funcionários administrativos originou um ruidosíssimo incidente na Câmara dos deputados, a ponto de ser necessário interromper a sessão. A maioria sofreu um choque, porque parte dos seus membros votou contra uma proposta mandada para a mesa por um correligionário.

O resultado imprevisto desta votação imprimiu acaloradas discussões em grupos, saltitando-se o sr. António Maria da Silva que discutia com o sr. Francisco José Pereira, em voz alta.

O sr. presidente deu a palavra ao sr. João Baccelar. O barulho impediu, porém, este deputado de usar da palavra, o que obrigou o sr. presidente a pedir ordem por várias vezes. Vendo-se, porém, desatendido, o sr. presidente pôs o chapéu na cabeça e suspendeu a sessão.

Entretanto, os srs. António Maria da Silva e Francisco José Pereira continuavam discutindo com violência. De repente uma palavra que tem tanto de popular como de anti-parlamentar, proferida em tom cólico, deixou estupefacta a Câmara. Os continos, nas galerias, apressaram-se a fazer retirar os poucos populares que ao indecoroso incidente assistiam. Uma senhora que se achava debaixo da balaustrada da galeria, rubra de vergonha, retirou-se para trás para que a não vissem.

O escândalo deu que falar, e na bancada da imprensa os jornalistas davam tratos à imaginação para darem ao público a notícia do incidente, com fidelidade, mas sem reproduzirem o obscuro parlão.

O colega da *Capital* desenvencilou-se facilmente do empecilho dizendo que proposadamente omitia expressões trocadas entre alguns deputados, porque não queria concorrer para o desprestígio do poder legislativo.

O colega da *O Seculo* da noite, definiu a expressão proferida de "palavra breve mas sonora, que pode ser apêlo de diplomatas e homens públicos da Espanha e das Américas latinas, mas

AS 3 HORAS DE TRABALHO

É incontestável que as oito horas de trabalho trazem vantagens. Elas não originam, como por ali se diz, o atrofamento da indústria nacional, nem atraem mais operários para a taberna.

Muito pelo contrário. Se examinarmos o desenvolvimento moral e físico do operariado mundial, vemos que é exactamente nos países onde este horário é mais ou menos seguido, que esse desenvolvimento é mais completo.

Atrás das oito horas veio o progresso das indústrias pela introdução das máquinas; vemos os princípios de higiene para o povo, que tanta falta fazem em Portugal, vem a maior frequência das escolas noturnas, tornando-se assim o povo mais culto.

A burguesia cá da terra, mais tacañia de ideias do que a estrangeira, não vê, não pode ver as coisas por este prisma. As oito horas para ela representa um ataque às suas algibeiras.

EM SANTAREM

Uma ilegalidade

SANTAREM, 9 — Está convocada, a convite do sr. presidente da câmara, a assembleia geral da Associação Fraternidade Operária de Instrução e Recreio, para escolher 2 delegados que não de fazer parte da Comissão Conciliadora para fazer as emendas que entenderem a lei do horário do trabalho. Isto é uma ilegalidade porque o decreto diz bem claramente que os delegados são das associações de classe. Ora a referida associação é de recreio e não está legalmente constituída e mesmo que o estivesse não podia nomear delegados entre os seus sócios, porque poucos são os assalariados. Podia quando muito convidar a classe operária a reunir e escolher os dois delegados. Era assim que o presidente da câmara devia ter feito e disse foi informado. Do que o operariado se não pôde gabar é de ter dois representantes na comissão conciliadora do horário do trabalho.

Já que estou falando no assunto pergunto: quando é que a autoridade procede contra uma oficina de correio e outra de alfaiate que todos os dias trabalham das 8 às 20 horas, empregando-se menores na referida corporação, o que é proibido? Gostávamos muito que a autoridade visse o horário daquelas casas.

Agora, que a associação recreativa escolhe os delegados para a comissão conciliadora, porque não nomeia os fiscais ao regulamento do trabalho? — C

NO PORTO

Empregados do Comércio

Presidida pelo sr. Joaquim Carreira, realizou-se na última quinta-feira, a reunião magna dos empregados do comércio, a fim de continuar com os trabalhos referentes ao novo horário das 8 horas. Depois de largamente verberada a atitude das autoridades e do patronato, cuja manifestação má vontade para o bom cumprimento da lei todos os oradores são unânimes em afirmar, foi também tratado o caso da prisão de dois camaradas na terça-feira última, em virtude de, conforme ali, andarem fiscalizando o seu cumprimento, tendo-se aprovado a seguinte moção:

«Os empregados do comércio, reunidos em sessão magna, a convite do Comité Central de Reivindicações dos trabalhadores do comércio, de que fazem parte delegados da Federação P. dos E. do Comércio, União dos Empregados do Comércio, Associação P. dos E. de Escritório, A. dos E. de Farmácia, Empregados Bancários, E. de Praça e Viajantes, para tratar do horário das oito horas, tendo conhecimento da prisão dos colegas Costa Azevedo e Delim Melo, quando andavam fiscalizando o cumprimento da lei;

Considerando que as autoridades cometeram uma inqualificável violência pois que estes colegas nada mais fizeram que chamar a atenção dentro da maior cordura ao patronato transgressor para o cumprimento da lei;

Considerando que poderão testemunhar com pessoas que estavam presentes o facto acima apontado;

Considerando que a prisão desses colegas, foi um insulto atirado à mesma Classe dos E. do Comércio e um manifesto desrespeito à lei que o parlamento aprovou, resolvem:

1.º—Protestar altivamente contra a violência cometida na pessoa dos colegas a quem prestam, pelos seus actos, a maior prova de solidariedade.

2.º—Manifestar com desgosto profundo que as autoridades estão em completa cumplicidade com o patronato retrógrado e provocador, para obstar à execução da lei das 8 horas.

3.º—Lembrar ao ministro do trabalho e do interior que a lei que o parlamento votou é digna de ser usufruída pela numerosa classe dos E. do Comércio.

que em Portugal é termo obscuro, embora tivesse em séculos idos diversa significação.

O do *Conde* registará, que ao ser ouvida a escabrosa exclamação, um deputado largara em apárrte — Sentem-se! Nós... nós... servindo-nos do precedente aberto por Camilo na *Coria*, diro-nos que o deputado em questão proferiu uma palavra obscena carregando muito nos r r.

Malas do correio

São hoje expedidas malas postais pelo vapor *Orcema*, para o Rio de Janeiro, Montevideo, Buenos Aires e portos do Chile; pelo *Africa*, para a África Oriental; pelo *Ardeola*, para a Madeira e Las Palmas e pelo *Desado*, para o Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Aires. A última tiragem da caixa geral é às 9 horas para o primeiro e às 12 para os restantes.

Factos diversos

O vapor *Marsdal*, que antontem entrou no Tejo, procedendo dos portos da América do Sul, traz 3.403 toneladas de trigo para o governo.

A comissão delegada dos fogueiros dos Caminhos de Ferro do Minho e Douro representada no governo no estado de que o decreto 5.093, de 10 de Maio último, seja alterado na parte que se refere aos concursos para inquilinistas.

O movimento operário britânico

A inevitável revolução

Temos aqui dado aos nossos leitores vários aspectos do movimento operário inglês, que são outros tantos sintomas duma profunda transformação que se está operando.

A burguesia britânica livreiros, por preço reduzido, da grande crise revolucionária que a greve ferroviária da desencadeou.

Mas ganhou apenas um intervalo, que aliás permitiu ao proletariado desenvolver a sua força para a consequente crise dos caminhos de ferro, disse o sr. presidente da Federação dos Operários dos Transportes, foi o sintoma do movimento futuro irresistível para elevar o operário da posição de salariado a de associado.

—Agora, está a classe dirigente do grande colosso imperialista a braços com a agitação contra a intervenção na Rússia e o bloqueio — agitação rudemente apoiada pelo ex-chefe de governo Asquith, que nela vê a maneira de reafirmar a sua popularidade — e com a grande reivindicação dos mineiros, a nacionalização das minas, objectivo que não dará os frutos esperados, os quais só poderão brotar da verdadeira socialização e da completa transformação política da sociedade, mas que ao menos exprime, como nota Griffiths, a preocupação de dar ao trabalho um fim social, de emancipar a produção da exploração e tirania individuais.

De modo que tem cada vez maior cabimento a opinião formulada, a propósito da greve ferroviária, por J. L. Hammond, no *Manchester Guardian*, diário liberal. Ocamo-lo:

«Há poucos dias, esteve a nação mais perto da guerra civil do que nunca, desde 1830.

Os tumultos cartistas não se compararam com as agitações operárias que haviam de acompanhar a extensão da greve. Muita gente bem informada sabe que o plano do governo, preparado na previsão da adesão dos operários dos transportes à greve, implicava uma guerra de classes da espécie mais aspera.

A importância da batalha teria sido bem maior do que a da luta cartista, porque, no tempo desta, estava a organização operária apenas nos seus incipientes, e por outro lado, o problema dos abastecimentos é hoje infinitamente mais complexo do que nos meados do século passado. Surpreende haver no governo homens prontos a afrontar a luta, antes que cedesse fosse o que fosse aos ferroviários.

«A greve ferroviária não passa dum incidente da revolução, que em todos os países se seguirá a guerra. Seja lá onde for, não se trata de saber se haverá revolução, mas qual será a sua forma e como se realizará. Os operários querem uma mudança radical na sua condição e já não estão dispostos a contentar-se com os seus simples instrumentos de trabalho, em consequência do desenvolvimento da grande indústria. Querem introduzir a democracia no domínio económico. A administração da indústria tornou-se um problema tão urgente e tão vital como a fiscalização do parlamento. Nem todos os operários têm consciência nítida desta concepção, mas é ela entretanto que guia e dirige o mundo operário.

«Reconhece-se geralmente que não teria havido greve, se o governo tivesse feito as negociações com outro espírito. Noutros termos, a greve estalou porque os representantes do governo vivem na atmosfera do velho sistema económico, em que o patrão dá ordens e o operário obedece. Durante estes dez anos mais chegados, será tarefa de todas as sociedades modernas a transformação deste sistema. Em certos países, trará ela provavelmente consigo a guerra civil; em outros, realizar-se-á pacificamente, o que será uma grande vantagem.

«Sob este ponto de vista, acha-se a Inglaterra numa situação bem melhor do que as nações continentais. Aqui, em virtude de acontecimentos em si tristes e desastrosos, ignoramos uma das grandes complicações existentes entre os nossos vizinhos: a rivalidade entre o camponês e o operário. Neste país, o homem que trabalha a terra tem os mesmos interesses que o homem que trabalha nas minas. O problema fica assim simplificado. E o perigo reside no grande poder de que disfrutam as forças económicas dirigentes, que não tem intenção de aceitar a revolução, e nas dificuldades que embaraçam a organização sindical.»

Um desfalque

Foi preso um indivíduo morador no Largo de Santo André, 26, 5.º, por ter desfalcado a firma Rogalheiro & Cia. com o valor na rua 24 de Julho, um importância de 565.845.

Câmara Municipal de Lisboa

Reuniram-se hontem às 21 horas, na sala das conferências, os vereadores do partido democrático, com os membros do respectivo directório sr. Nunes Loureiro, António Maria da Silva, dr. Alvaro de Castro e Barbosa de Magalhães, Mariano Martins e Pires de Carvalho.

A mesma hora reuniram-se na sala das comissões os vereadores socialistas com os membros do Conselho Central, sr. Augusto Dias da Silva, Ladislau Batalha, Custódio de Meadonça, Nunes da Silva e Eduardo Coelho.

Ambas as reuniões, que foram de carácter reservado, terminaram depois da meia noite e nella, segundo as informações que podemos colher, trataram-se de assumos de interesse municipal.

Transferência de operários

Convidam-se todos os carpinteiros que se encontram sem trabalho a comparecer hoje, pelas 10 horas, na sede da comissão de admissão e transferência de operários, travessa das Mercês, a fim de serem distribuídos das 20 guias para colocação do sobredito pessoal.

Sindicato Unico Mobiliário

Reunem hoje, às 20 horas, as sub-comissões deste sindicato, pedindo a comparencia de todos os delegados

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

União dos Sindicatos Operários. Reuniu a comissão administrativa que, entre outros trabalhos de administração, resolveu fazer uma circular para ser enviada aos sindicatos, convocando-os a representarem-se pelas direcções e delegados numa reunião que será oportunamente anunciada. Apreciação o ofício enviado pela Cruzada Social, que será submetido à próxima reunião de delegados. Para a sessão de protesto a realizar amanhã pelo sindicato dos chapelleiros, foi nomeado um delegado. Apreciação-se os trabalhos realizados na passada assembleia de delegados, sobre a questão do inquilinato, foi resolvido publicar uma nota officiosa.

Pessoal Extraordinário dos Tâbacos. Na sessão de ontem a delegação expoz o resultado da conferência havida de tarde com o ministro das finanças, em que ficou assente o horário de trabalho que será, de amanhã em diante, entradas às 8 horas, jantar das 12 às 13 e saída às 17.

As horas suplementares, sem carácter permanente e facultativas, serão pagas a dobrar.

Depois de tantas diligências, que foi mister empregar, o pessoal teve uma satisfação completa aos seus desejos, depois apenas ao seu esforço próprio.

Pessoal Maior dos Correios e Telégrafos. Reuniu ontem em assembleia geral esta classe, sob a presidência do sr. Homem de Figueiredo, secretário geral.

Depois de telegramas de adesão das seguintes terras: Pórtio, Coimbra, Faro, Covilhã, Lagos, Olhão, Vizeu, Abrantes, Portalegre, Elvas, Guarda, Beja e Braga.

Falarão os srs. Menço Sardiña, Manuel Domingues, Herman Vagueiro, Matos Braz, Bastos e Agostinho da Silva, sendo os oradores unânimes em criticar a acção do governo, no que diz respeito à carestia da vida.

Advogaram a união da classe para assim se poder reivindicar as reclamações que se vão apresentar aos poderes constituídos.

Nomeia-se uma comissão composta dos srs. José Mestre Ramos, Pires Lavado, Carlos do Amaral, Francisco Martins e Soares Caneco.

Por proposta do sr. Sando Freire esta comissão é aprovada por aclamação.

O sr. Jorge dos Santos defende o fim da sessão, a situação dos inactivos e dos aposentados.

A comissão nomeada, depois de encerrada a sessão, conferenciou largamente com a comissão e direcção do pessoal menor.

Operários Marceneiros. Reuniu-se o sindicato, tendo nomeado o camarada Antonio de Oliveira delegado a sessão solene da inauguração da bandeira do Sindicato dos Cerâmicos.

Também o mesmo camarada foi nomeado por este sindicato delegado à comissão pró-presos por questões sociais. Aproveitou uma ocasião dando o seu franco apoio ao movimento que a U. S. O. vai iniciar contra o aumento das rendas das casas, aprovando uma outra saudando o povo russo pela passagem do 2.º aniversário da sua revolução, e aconselhando os seus consócios ao estudo das questões que lhe estão afectas, para a conquista da sua integral emancipação.

Resolveu mais contribuir com a quantia de 10.000 para as despesas a fazer com a organização do Sindicato Unico Mobiliário, pondo à disposição da respectiva comissão a quantia de que este sindicato possa dispor.

A sessão foi suspensa, devendo proseguir amanhã às 20 horas.

União dos Operários do Município. Largaram o serviço ao meio dia de segunda-feira para assistir à continuação da sessão magna realizada no domingo, na Federação da Construção Civil, a fim de apreciarem as demarches da comissão da União junto da Câmara sobre as reclamações desta classe.

Em face da atenção que a Câmara lhe tem dispensado resolveram ir assistir à reunião do Senado Municipal que se realizava nessa noite. Como a sessão acabasse muito tarde não pôde a mencionada comissão ir à Associação expor o resultado das demarches.

Informa hoje a dita comissão que a Câmara se comprometeu a tratar da questão no mais curto espaço de tempo.

A União apela para a consciência da classe para que não deixe de acudir a qualquer convocação necessária ao bom resultado da questão.

Brevemente se realizará uma sessão magna onde se exporá o resultado dos trabalhos da comissão.

Também esta União lastima a forma acintosa como o inspector da 9.ª zona procedeu contra o servente n.º 342, não deixando trabalhar pelo facto de ter acompanhado esta União à Câmara.

Não pôde também deixar de protestar contra a perseguição feroz que está exercendo sobre os seus camaradas, o que revela um espírito mesquinho e reaccionário.

Picam avisados todos os camaradas para que quando forem alvos de qualquer injustiça o participem à União.

Reúne a próxima sexta-feira, pelas 17 e meia horas.

Cortadores. Reuniram os corpos gerentes para tratar de assunto de alta importância para a classe.

Apreciação o movimento encetado pela U. S. O. contra a ganância dos senhorios e aprovou uma proposta para dar todo o apoio material em prol do movimento e aprovou uma saudação pelo 2.º aniversário da Republica dos Sovietes.

Resolveu avisar todos os proprietários de talhos e de salchicharias de que tem que cumprir e respeitar a lei 5516 (lei das 8 horas) assim como a lei do descanso semanal.

Polidores de Móveis. Reuniu a assembleia magna, que apreciou a forma como a comissão que foi nomeada para conseguir para esta classe o aumento de 40 por cento sobre os salários anteriores, soube satisfazer o seu desiderado, com vitória para a classe dos polidores.

Protestou contra o bloqueio que os governos burgueses estão impondo aos nossos irmãos russos, sem respeito pela vida, das mulheres, velhos e crianças, e

Theatro S. Luiz

É no próximo sábado 15 que se realiza a inauguração da época de inverno e 1.ª edição de assinatura com a revista *O Pá de meia* ampliada com o novo acto *O Rocio* e duas novas apoteoses *O Rocio do futuro* e a *Confederação luso-brasileira*

igualmente protestou contra o assalto, que mais uma vez os senhorios pretendem fazer à magra bolsa dos operários, e dar todo o apoio à U. S. O. para que leve a efeito o movimento de protesto, no qual todos se saibam impor com a acção revolucionária.

Resolveu mais contribuir com a quantia de 20.000, para a comissão organizadora do Sindicato Unico da Indústria.

No dia 14 reunem as classes da indústria mobiliária, esperando que nenhum camarada polidor falte, para assim mostrar que já sabe ser operário consciente.

CONVOCAÇÕES

Federação Nacional da Construção Civil. Reúne hoje a comissão administrativa pelas 20 horas, pedindo-se a comparencia da comissão técnica para assunto urgente.

Comissão Escolar da F. N. da C. C. Convidam-se os delegados a esta comissão a reunirem hoje às 20 horas para assunto urgente.

Sindicato Unico Metalúrgico. Para tratar de assuntos que se prendem com a situação económica e profissional em que se encontra a especialidade dos latoeiros e fundeiros, convidam-se os corpos gerentes do Sindicato a comparecerem a uma reunião que hoje se realiza na sede, às 20 horas, e as camaradas que, como delegados, ficaram eleitos na última reunião.

A esta reunião devem, portanto, não só assistir os delegados latoeiros já nomeados, mas também outros camaradas que venham representar o pessoal das outras casas de trabalho que ainda não se tivesse feito representar.

Reúne amanhã, às 20 horas, o Conselho Técnico e de Melhoramentos que, assistido por todos os seus membros, tratará de assuntos de alta importância e em especial da forma como está sendo encarada a questão do pretenso aumento nas rendas das casas, seja ele de que natureza for.

O Conselho ir-se-á manifestar e convocará a classe para o mesmo fim.

Serventes de Pedreiros e Estudadores. Convidam-se as comissões de melhoramentos dos Bairros Sociais n.ºs 1, 2 e 3, a reunir hoje, às 20 horas, para tratar de assuntos que se prendem com os referidos bairros.

Pintores. Reúne em sessão magna hoje, pelas 20 horas, para leitura do estatuto do Sindicato Unico e para protestar contra a ganância dos senhorios. Esta sessão é para sócios e não sócios.

Pessoal da Imprensa Nacional. Reúne hoje, às 21 horas, a assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos:

Resolver sobre um ofício dimanado da direcção da Associação Escolar de Ensino Liberal; tratar da forma da aplicação da lei que regula o horário de trabalho e, em especial, do pagamento dos serviços extraordinários.

Inscritos Mart mos. Reúne no dia 12, pelas 19 horas, a fim de apreciar os trabalhos da comissão nomeada na última assembleia para tratar dos aumentos de salário e horário de trabalho.

Resolve sobre um ofício dimanado da direcção da Associação Escolar de Ensino Liberal; tratar da forma da aplicação da lei que regula o horário de trabalho e, em especial, do pagamento dos serviços extraordinários.

Inscritos Mart mos. Reúne no dia 12, pelas 19 horas, a fim de apreciar os trabalhos da comissão nomeada na última assembleia para tratar dos aumentos de salário e horário de trabalho.

Resolve sobre um ofício dimanado da direcção da Associação Escolar de Ensino Liberal; tratar da forma da aplicação da lei que regula o horário de trabalho e, em especial, do pagamento dos serviços extraordinários.

Inscritos Mart mos. Reúne no dia 12, pelas 19 horas, a fim de apreciar os trabalhos da comissão nomeada na última assembleia para tratar dos aumentos de salário e horário de trabalho.

Resolve sobre um ofício dimanado da direcção da Associação Escolar de Ensino Liberal; tratar da forma da aplicação da lei que regula o horário de trabalho e, em especial, do pagamento dos serviços extraordinários.

Inscritos Mart mos. Reúne no dia 12, pelas 19 horas, a fim de apreciar os trabalhos da comissão nomeada na última assembleia para tratar dos aumentos de salário e horário de trabalho.

Resolve sobre um ofício dimanado da direcção da Associação Escolar de Ensino Liberal; tratar da forma da aplicação da lei que regula o horário de trabalho e, em especial, do pagamento dos serviços extraordinários.

Inscritos Mart mos. Reúne no dia 12, pelas 19 horas, a fim de apreciar os trabalhos da comissão nomeada na última assembleia para tratar dos aumentos de salário e horário de trabalho.

Resolve sobre um ofício dimanado da direcção da Associação Escolar de Ensino Liberal; tratar da forma da aplicação da lei que regula o horário de trabalho e, em especial, do pagamento dos serviços extraordinários.

Inscritos Mart mos. Reúne no dia 12, pelas 19 horas, a fim de apreciar os trabalhos da comissão nomeada na última assembleia para tratar dos aumentos de salário e horário de trabalho.

Resolve sobre um ofício dimanado da direcção da Associação Escolar de Ensino Liberal; tratar da forma da aplicação da lei que regula o horário de trabalho e, em especial, do pagamento dos serviços extraordinários.

Inscritos Mart mos. Reúne no dia 12, pelas 19 horas, a fim de apreciar os trabalhos da comissão nomeada na última assembleia para tratar dos aumentos de salário e horário de trabalho.

Resolve sobre um ofício dimanado da direcção da Associação Escolar de Ensino Liberal; tratar da forma da aplicação da lei que regula o horário de trabalho e, em especial, do pagamento dos serviços extraordinários.

Inscritos Mart mos. Reúne no dia 12, pelas 19 horas, a fim de apreciar os trabalhos da comissão nomeada na última assembleia para tratar dos aumentos de salário e horário de trabalho.

Resolve sobre um ofício dimanado da direcção da Associação Escolar de Ensino Liberal; tratar da forma da aplicação da lei que regula o horário de trabalho e, em especial, do pagamento dos serviços extraordinários.

Inscritos Mart mos. Reúne no dia 12, pelas 19 horas, a fim de apreciar os trabalhos da comissão nomeada na última assembleia para tratar dos aumentos de salário e horário de trabalho.

Resolve sobre um ofício dimanado da direcção da Associação Escolar de Ensino Liberal; tratar da forma da aplicação da lei que regula o horário de trabalho e, em especial, do pagamento dos serviços extraordinários.

Inscritos Mart mos. Reúne no dia 12, pelas 19 horas, a fim de apreciar os trabalhos da comissão nomeada na última assembleia para tratar dos aumentos de salário e horário de trabalho.

Resolve sobre um ofício dimanado da direcção da Associação Escolar de Ensino Liberal; tratar da forma da aplicação da lei que regula o horário de trabalho e, em especial, do pagamento dos serviços extraordinários.

Inscritos Mart mos. Reúne no dia 12, pelas 19 horas, a fim de apreciar os trabalhos da comissão nomeada na última assembleia para tratar dos aumentos de salário e horário de trabalho.

Resolve sobre um ofício dimanado da direcção da Associação Escolar de Ensino Liberal; tratar da forma da aplicação da lei que regula o horário de trabalho e, em especial, do pagamento dos serviços extraordinários.

ULTIMAS NOTÍCIAS

AS GREVES EM FRANÇA

Emitando os jornalistas portugueses

PARIS, 10 — Em consequência da greve dos linotipistas, os directores dos jornais parisienses decidiram fazer aparecer um jornal único, intitulado *«Presse de Paris»*. Este jornal, que apareceu esta manhã, pela primeira vez, continuará durante a greve. — *Rádio*.

Na Austria

Os austríacos requerem gêneros

VIENNA, 10. — (T. S. F.) — O relatório dos trabalhos preparatórios da subcomissão de reparações foi remetido para Paris, com o pedido de ser dada uma rápida solução às questões pendentes.

A subcomissão enviou uma carta ao chanceler, sr. Renner, anunciando que os seus membros informaram os seus governos das imediatas necessidades da Austria em carvão e em gêneros alimentícios.

Por outro lado, a comissão fez diligências junto do governo checoslovaco, a fim de ser feita uma convenção com a Austria para a entrega de carvão e de gêneros alimentícios. — *Rádio*.

Na Cilicia

A guerra em tempo de paz

PARIS, 11. — (T. S. F.) — Os bandos turcos que operam na Cilicia continuam a sua obra de devastação dos arménios, os quais são continuamente massacrados.

As autoridades francesas tomaram energias medidas para combater estes bandos.

Foram mortos, num reconcontro sangrento, nas proximidades de Kirdchets, vários bandos, e um chefe de bando foi morto nas margens do Tóhakt.

Dois outros bandos foram presos e fuzilados em Adans.

O coronel Horman partiu para Asheikh-Mourad, para inquirir nos próprios locais. — *Rádio*.

Os mineiros americanos

E' revogada a ordem de greve

WASHINGTON, 11. — O comité da Federação dos mineiros anuncia que revogará a ordem da greve, em conformidade com a ordem de interdição do Tribunal. — *Rádio*.

Armentieros reconstruí-se

10.000 abrigos para 30.000 habitantes

PARIS, 11. — (T. S. F.) — Um correspondente do *Petit Journal*, que acaba de visitar a cidade de Armentieres, descreve a actividade nela desenvolvida.

Armentieres, que contava antes da guerra 30.000 habitantes, já construiu 10.000 abrigos, havendo lojas de todos os artigos, engenhosamente elevados nos locais em que eram construídas.

Armentieres estabeleceu um plano de reconstrução grandioso, recebendo todos os aperfeiçoamentos modernos. — *Rádio*.

A paz pelos Aliados

Embrulhadas internacionais

PARIS, 10 — O Conselho Supremo reuniu-se esta manhã, sob a presidência do sr. Clemenceau, examinando a situação criada pelas eleições municipais a que procederam as autoridades alemãs, ontem, no território da Alta Silésia, decidindo fazer saber ao governo alemão que estas eleições são consideradas

que estas eleições são consideradas pelos aliados como nulas, por serem contrárias à liberdade do plebiscito.

O Conselho aprovou o projecto da resposta à nota alemã referente aos territórios de Eupon e de Malmédy, onde os alemães querem fazer um plebiscito.

O Conselho proseguindo o exame do relatório da comissão de inquérito aos acontecimentos de Smyrna, decidiu manter a ocupação pelas tropas gregas, sem que esta ocupação a atribuição política desta região, emitindo o voto de que os incidentes que aqui se desenrolaram se não repetirão.

Pois é a esse suplicio que os senhorios querem condenar os que não dão 500.000 pela chave de qualquer podjota, se os inquilinos não souberem o por-se. Há dois meios de deísta que é preciso escolher: ou resolver violentamente a questão ou empregar a resistência passiva, recusando o pagamento das rendas. Este último meio, cremos, seria certamente o mais eficaz, por agora.

Uma nota officiosa da União dos Sindicatos de Lisboa

Com o fim de tornar mais clara a matéria contida nas conclusões da moção de ordem, apresentada pela comissão administrativa e aprovada pela assembleia de delegados na sua última reunião, com excepção da alínea g), reestante ao aumento das rendas, foi este assunto entregue a uma comissão nomeada pela mesma assembleia, composta de onze camaradas, por proposta do delegado dos marceneiros, ficando a mesma comissão incumbida de estudar o melhor meio de realizar o movimento de protesto contra a desmedida ganância dos senhorios.

O que vai lá por fora

NO JAPÃO

As ideias socialistas — A influência da revolução russa

Até no Japão, o império militarista, que só pode ter comparação com o império germânico, o movimento socialista vai progredindo.

O extraordinário desenvolvimento industrial dos últimos cinco anos, deu origem a um vigoroso movimento proletário, todo ele influenciado pelas ideias socialistas. Mas não é só aos operários que o socialismo está atraindo, mas também a muitas pessoas altamente colocadas.

O governo e as classes privilegiadas sufocam ferozmente o mais pequeno sinal de revolta ou de protesto dado pelos trabalhadores, mas as condições económicas são tais — e lá o contraste entre a pobreza das massas e a riqueza escandalosa da burguesia — que nada pode deter as ideias de rebelião.

As condições higiénicas e os salários nas fábricas de tecidos são de tal forma, que todas as mulheres vão para lá entrar, e é mesmo que írem para o matadouro; só escapam as que se prestam a prostituir-se com os patrões ou com os empregados superiores da fábrica.

Sen Katayama, leader do partido socialista japonês, declarou que graças ao jornal independente de Tóquio «Economista Oriental», todos os japoneses estavam bem informados acerca da revolução russa, e que os socialistas do seu país estavam prontos a ajudá-la em tudo, quanto estivesse no seu alcance.

A atitude tomada pelo «Economista Oriental», o único periódico sensato de poder e influência bolchevista da Rússia, mereceu, diz Sen Katayama, que ninguém — e sobretudo os socialistas — a ignore.

Nunca atacou a revolução bolchevista; condenou sempre a intervenção japonesa na Sibéria, e advogou e insistiu pelo reconhecimento do governo de Lénine.

Assim, num artigo publicado em 5 de Abril deste ano, com o título «Retirar as nossas tropas da Sibéria» o «Economista Oriental» disse que, tendo o ministro dos estrangeiros afirmado que as tropas japonesas não se intrometeriam já na Sibéria, a colaboração com o governo de Omsk estava desmentindo essas palavras e por isso se tornava necessário — e todo o povo o reclamava — que se fizesse imediatamente regressar — ao Japão todos os soldados que se encontravam na Sibéria.

Está claro que os gestos e artigos do «Economista Oriental» até agora de nada tem servido, visto que o Japão continua, ao lado dos seus aliados, empenhado para que seja introduzida na Rússia a ordem e a paz, mas, todavia, ele tem contribuído muito com a sua honesta campanha, para abrir os olhos e espalhar o descontentamento entre as massas trabalhadoras do Japão.

A liga orient-1 para libertar a Ásia

Nas suas mensagens aos povos do Oriente, o governo dos Soviéticos, tem-lhes dito sempre que a sua única salvação está na revolução.

Uma carta

De José Negrão Buisel, velho professor e propagandista sindical no Algarve, recebemos há dias a seguinte carta que só hoje pudemos dar publicidade:

Razões de ordem moral, que alguns camaradas conhecem e que muitos outros adveem, impedem-me o simples dever de sair do meu silêncio, durante 28 anos, pejeje mais ou menos obscuro, mas com coragem e abnegação lutava e luto.

Então, porém, do último adeus, escudado pela autoridade que me dá o meu passado e este meu gesto, no presente, seja-me permitido fazer algumas considerações que, ao mesmo tempo, me sirvam de estímulo e de equilíbrio, por enquanto, entre a classe trabalhadora, há que aproveitar a oportunidade para dizer tudo aquilo que me vem ao coração, e que todos aqueles que se movem, operários, estudantes, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

De resto, em toda a minha longa vida de propagandista, constei sempre, com tanta mais razão, que o maior inimigo do operário é o próprio operário!

Então, porém, do último adeus, escudado pela autoridade que me dá o meu passado e este meu gesto, no presente, seja-me permitido fazer algumas considerações que, ao mesmo tempo, me sirvam de estímulo e de equilíbrio, por enquanto, entre a classe trabalhadora, há que aproveitar a oportunidade para dizer tudo aquilo que me vem ao coração, e que todos aqueles que se movem, operários, estudantes, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

ção está «numa união imediata e acção combinada contra a autoridade britânica».

Assim, ao povo do Afeganistão disseram os bolchevistas russos: «O governo dos Soviéticos, desde o primeiro dia que tomou conta do poder, tem patenteado bem ao mundo inteiro o seu desejo de não só reconhecer a todos os povos o direito de se governarem, mas também de ajudar aqueles que queiram lutar pela sua independência, e pelo direito de organizarem a sua vida interna conforme os seus desejos, sem consentirem a interferência de governos imperialistas estrangeiros».

Inspirados e encorajados por estas nobres palavras, as populações escravizadas e oprimidas da Ásia e do norte de África começam agora a despertar e preparar-se para a luta.

Disse o *New York Times* de 3 de Junho, que uma nova organização, denominada «Liga Oriental» se acabava de fundar com o fim de esmagar o imperialismo britânico na Ásia e na África, e que as insurreições no Egipto, o ataque repentino dos afgãos, e a notável cooperação entre índios e muçulmanos, de certo já eram consequências dessa associação.

A Inglaterra, como verdadeiro campeão da liberdade e da justiça, começou já tomando as suas medidas na Índia, tendo condenado à morte 103 pessoas, exilado por toda a parte 265, confiscado 365 propriedades e suprimido quasi todos os jornais (desde 1 de Março a 14 de Julho foram obrigados a suspender a sua publicação 54) contrários a sua política.

A perseguição e as torturas exercidas pelas autoridades inglesas sobre o povo indiano, tem levantado tal indignação que até aqueles que a Inglaterra costumava mimosear com títulos de honra e privilégios especiais, para que defendessem a sua política de opressão e tirania, se mostram revoltados e cheios de indignação.

Assim, o poeta e filósofo indiano Rabindranath Tagore pediu ao vice-rei que lhe retirasse o grau de «cavaleiro», em sinal de protesto contra os ultrajes cometidos sobre o povo de Punjab em nome da «ordem e da lei».

Encontra-se, presentemente, na Inglaterra uma deputação do Congresso Nacional da Índia que, sob a protecção do partido trabalhista, pretende fazer uma campanha pelas principais cidades do Reino Unido, reclamando que seja reconhecido à Índia o direito de se governar e de se dirigir sem intervenção de governos estrangeiros.

Esta deputação fazem parte duas mulheres: Mrs. Annie Besant, socialista inglesa, residente há muitos anos na Índia, e a poetisa indiana e eloquente oradora Sarojini Haidu.

Com certeza que não será da acção de Mrs. Besant e confrades que virá a emancipação ao povo da Índia, mas, no entanto, esta, encetada pelo jornal socialista *The Labor Leader*, declarou que também fazia parte do seu programa, além de muitos projectos de educação, a entrega das terras às comunas aldeãs e a cultura destas, assim como todas as questões locais, reguladas unicamente pelos seus Conselhos próprios.

Assim, num artigo publicado em 5 de Abril deste ano, com o título «Retirar as nossas tropas da Sibéria» o «Economista Oriental» disse que, tendo o ministro dos estrangeiros afirmado que as tropas japonesas não se intrometeriam já na Sibéria, a colaboração com o governo de Omsk estava desmentindo essas palavras e por isso se tornava necessário — e todo o povo o reclamava — que se fizesse imediatamente regressar — ao Japão todos os soldados que se encontravam na Sibéria.

Está claro que os gestos e artigos do «Economista Oriental» até agora de nada tem servido, visto que o Japão continua, ao lado dos seus aliados, empenhado para que seja introduzida na Rússia a ordem e a paz, mas, todavia, ele tem contribuído muito com a sua honesta campanha, para abrir os olhos e espalhar o descontentamento entre as massas trabalhadoras do Japão.

A liga orient-1 para libertar a Ásia

Nas suas mensagens aos povos do Oriente, o governo dos Soviéticos, tem-lhes dito sempre que a sua única salvação está na revolução.

Uma carta

De José Negrão Buisel, velho professor e propagandista sindical no Algarve, recebemos há dias a seguinte carta que só hoje pudemos dar publicidade:

Razões de ordem moral, que alguns camaradas conhecem e que muitos outros adveem, impedem-me o simples dever de sair do meu silêncio, durante 28 anos, pejeje mais ou menos obscuro, mas com coragem e abnegação lutava e luto.

Então, porém, do último adeus, escudado pela autoridade que me dá o meu passado e este meu gesto, no presente, seja-me permitido fazer algumas considerações que, ao mesmo tempo, me sirvam de estímulo e de equilíbrio, por enquanto, entre a classe trabalhadora, há que aproveitar a oportunidade para dizer tudo aquilo que me vem ao coração, e que todos aqueles que se movem, operários, estudantes, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

De resto, em toda a minha longa vida de propagandista, constei sempre, com tanta mais razão, que o maior inimigo do operário é o próprio operário!

Então, porém, do último adeus, escudado pela autoridade que me dá o meu passado e este meu gesto, no presente, seja-me permitido fazer algumas considerações que, ao mesmo tempo, me sirvam de estímulo e de equilíbrio, por enquanto, entre a classe trabalhadora, há que aproveitar a oportunidade para dizer tudo aquilo que me vem ao coração, e que todos aqueles que se movem, operários, estudantes, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

Que a emancipação do operário não seja obra do próprio operário, e verdade que, por mil maneiras diferentes, eu tenho demonstrado, se bem que como axioma a possumos admitir. Mas, como essa emancipação pode ser obra só do próprio operário, como, infelizmente, o próprio operário, por amor puro às grandes causas, ofereçam o seu esforço, tanto mais digno de acatamento, quanto mais duro e exaustivo, e, sobretudo, em nome da justiça e da verdade, e da lógica e da grandeza que o impõem.

SINDICATOS da PROVÍNCIA

Carpinteiros Portugueses. — Com grande concorrência de associados, reuniu há dias esta classe, para apreciar as declarações do delegado ao Congresso Corporativo e Nacional Operário. Antes de se entrar na ordem dos trabalhos foram discutidos vários assuntos de ordem geral, e lido expediente que teve o devido destino. Em seguida o delegado esboçou-se em longas considerações sobre os trabalhos aprovados no Congresso, demonstrando o largo alcance do sindicato único de indústria, que urge pôr em prática no Porto. Em seguida foi aprovada uma proposta dando plenos poderes à direcção para junto das suas congéneres instituir o sindicato único, e nomeada uma comissão de cinco membros para propaganda do mesmo.

Soldadores de Peniche. — Esta associação, reunida em assembleia geral no dia 7 do corrente, para apreciar o resultado dos trabalhos encetados pela comissão nomeada para resolver o litígio travado entre o industrial da fábrica de conservas «Confiança Limitada» e o seu pessoal soldador, tendo apreciado e discutido todas as cláusulas apresentadas pela dita comissão, deliberou, por unanimidade, mandar admitir na referida fábrica quatro grevistas, segundo indicação do referido industrial, ficando dois subsidiados pela associação durante o tempo necessário para a direcção lhes arranjar colocação.

É do nosso dever fazer sciente a todas as nossas congéneres e camaradas em geral, que se assim procedemos foi única e simplesmente devido à intransigência do referido industrial, e para evitar um desastre lamentável devido à traição de diversos indivíduos, alheios à associação, que se ofereceram ao industrial em questão para trabalharem na sua fábrica, prejudicando daquela forma o movimento iniciado pelos soldadores.

A associação achou por bem sacrificar dois camaradas a ficarem sem trabalho, a ter que sofrer o desgosto de ver os seis camaradas lutando com dificuldades, por falta de recursos, para o seu sustento e de suas famílias.

Prevenimos os nossos camaradas soldados filiados nas associações de classe de não deixarem vir trabalhar por P. Niche, enquanto permanecerem sem trabalho aqueles dois camaradas, pois que não lhes serão passados cartões de admissão para qualquer fábrica.

Tamanqueiros Portugueses. — Reunida esta colectividade, tendo tomado, entre outras, as seguintes resoluções: Nomear seus delegados à Federação da Indústria de Calçado, Couros e Peles os camaradas Carlos Santos e Manuel Alemão, respectivamente electivo e adjunto, e satisfazer o pagamento da cota correspondente ao mês de Outubro; enviar à C. G. T. a cota de admissão, correspondente ao mês de Outubro, bem como a respectiva U. S. O. do mesmo mês e a importância da taxa confidencial, cujas importâncias já foram enviadas ao Comité Confederal; manifestar aos jovens sindicalistas prosa a sua simpatia e solidariedade; e tirar uma subscrição que render 5800, importância já enviada à Comissão pró-presos por questões sociais, declarar à U. S. O. todo o apoio moral e material ao movimento por ela encetado contra a carestia da vida e aguardar as suas resoluções para, no caso de ser necessária uma paralisação do trabalho, como protesto contra a falta de atenção, da parte dos governantes, às reclamações operárias, e a continua exploração dos detentores de todos os artigos indispensáveis à vida, proclamar imediatamente a greve geral; aumentar a cota sindical a 50\$ a começar em 1 do corrente, tendo já sido feita a cobrança da 1ª semana, sendo para registar com satisfação a maneira como grande parte da classe soube cumprir o seu dever; adquirir duas acções de A Batalha e saldar esta pela brilhante defesa que vem fazendo da classe trabalhadora.

Construção Civil de Fafe. — Realizou-se no dia 2 do corrente, em Fafe, uma sessão magna dos operários da construção civil, a fim de constituírem o Sindicato Único da indústria naquela localidade. A sessão foi bastante concorrida, tendo assistido grande número de operários. Presidiu à sessão o camarada M. da Silva, que expoz os fins para que foi convocada a reunião. Usaram da palavra A. Dias, J. D. Simões e outros camaradas, que fizeram ver aos presentes qual o caminho a seguir, para alcançarem a sua emancipação. M. da Silva leu o projecto do estatuto, que foi largamente discutido, sendo aprovado com ligeiras alterações.

O perariado de Fafe despertou, ingressando no seu sindicato e tornando-o um baluarte, onde se defenderá energeticamente das arremetidas do capital. Que não desanimem os nossos ardentemente.

Sapateiros de Faro. — A assembleia geral realizada no dia 4 do corrente, apreciou o relatório do seu delegado ao II Congresso Operário, sendo aprovado por unanimidade.

Resolveu também dar imediatamente a adesão à Federação de Indústria e ingressar na Confederação Geral do Trabalho.

Construção Civil de Beja. — Apreciação uma inserta no semanário O Parlamento, onde se pretende atribuir aos parlamentares do círculo a iniciativa de chamar a atenção do ministro do trabalho para que se iniciasse em Beja a construção dum bairro social. As afirmações publicadas no *Parla* não são verdadeiras, pois que a construção Civil de Beja, tanto no congresso da indústria como no Congresso Operário Nacional, tratou do assunto por intermédio dos delegados que a representavam, os quais apresentaram documentos atinentes a conseguir do governo a criação do Bairro Social de Beja.

Associação Mixta dos Operários de Sacavém. — Convocou a comissão organizadora deste Sindicato uma reunião para o domingo passado a fim de definir qual o caminho que devia tomar, e no caso de se dissolver qual o destino a dar aos haveres que estão em poder da mesma comissão. Como se não pôde realizar a sessão, por falta de número, fica esta transferida para o próximo domingo, pelas 11 horas, no mesmo local, sede da associação. — C.

Trabalhadores de imprensa

PARIS, 11. — Não tendo os directores dos jornais conseguido a indemnização de 5 francos pela carestia da vida dos operários empregados nas prensas dos jornais resolveram fazer greve esta noite. É portanto provável que grande número de jornais não se publiquem amanhã. — H.

As greves em França

Trabalhadores de imprensa

PARIS, 11. — Não tendo os directores dos jornais conseguido a indemnização de 5 francos pela carestia da vida dos operários empregados nas prensas dos jornais resolveram fazer greve esta noite. É portanto provável que grande número de jornais não se publiquem amanhã. — H.

As greves em França

Trabalhadores de imprensa

PARIS, 11. — Não tendo os directores dos jornais conseguido a indemnização de 5 francos pela carestia da vida dos operários empregados nas prensas dos jornais resolveram fazer greve esta noite. É portanto provável que grande número de jornais não se publiquem amanhã. — H.

As greves em França

Trabalhadores de imprensa

PARIS, 11. — Não tendo os directores dos jornais conseguido a indemnização de 5 francos pela carestia da vida dos operários empregados nas prensas dos jornais resolveram fazer greve esta noite. É portanto provável que grande número de jornais não se publiquem amanhã. — H.

As greves em França

Trabalhadores de imprensa

PARIS, 11. — Não tendo os directores dos jornais conseguido a indemnização de 5 francos pela carestia da vida dos operários empregados nas prensas dos jornais resolveram fazer greve esta noite. É portanto provável que grande número de jornais não se publiquem amanhã. — H.

As greves em França

Trabalhadores de imprensa

PARIS, 11. — Não tendo os directores dos jornais conseguido a indemnização de 5 francos pela carestia da vida dos operários empregados nas prensas dos jornais resolveram fazer greve esta noite. É portanto provável que grande número

